

COPACABANA, UMA HISTÓRIA **COPACABANA, THE HISTORY**

O'DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LUCIENE P. CARRIS CARDOSO | Pós-doutora e pesquisadora associada ao Laboratório de Geografia Política da Universidade de São Paulo. Mestre e doutora em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Originalmente tese de doutorado em antropologia social defendida no Museu Nacional, em 2011, o livro da professora e pesquisadora Julia O'Donnell, publicado em 2013, resgata a formação do bairro de Copacabana, a partir da reflexão sobre a representação da ideia de Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Nas primeiras décadas do século XX, o bairro, considerado até então distante e isolado do Centro do Rio de Janeiro, basicamente um areal, iria pouco a pouco sendo transformado, tornando-se um símbolo de sofisticação e de modernidade, polo de atração de investimentos públicos e privados.

A partir de uma extensa pesquisa histórica que envolveu uma seleção minuciosa de documentos, periódicos e imagens, a autora desvendou o processo de construção material e simbólica de Copacabana, bem como de outros bairros praianos que compõem a Zona Sul, como Leme, Ipanema e Leblon. O livro foi organizado em seis capítulos, além da apresentação e do epílogo. O primeiro capítulo, intitulado "Caminho do mar", examina o processo de transformação do bairro, de um espaço vazio convergindo para um novo território incorporado à malha urbana da cidade, entre a segunda metade do século XIX e os primeiros anos do século XX.

Desse modo, destaca-se a importância do desenvolvimento dos meios de transporte, em especial dos bondes, que reconfiguraram o mapa da cidade, avançando para novas regiões,

não se circunscrevendo aos limites da região central: aos morros do Castelo, de São Bento, de Santo Antônio e da Conceição. Observa-se que por volta de 1870, dez bondes já se dirigiam à Zona Sul, já se percorria os bairros do Catete, Glória, Botafogo, Flamengo, Gávea e Jardim Botânico. Em 1892, a abertura do túnel Real Grandeza, atual túnel Velho, possibilitou o acesso ao bairro de Copacabana. Com isso, buscou-se associar o bairro a um novo modelo de modernidade, calcado na dualidade urbanização/salubridade, e a um novo estilo de vida das elites cariocas daquele período.

No capítulo “Os ocupantes do vazio e os habitantes do progresso”, constata-se como o bairro foi paulatinamente sendo ocupado. Em 1904, inaugurava-se o túnel do Leme, atualmente túnel Novo. No ano seguinte, com a realização do III Congresso Científico Latino-Americano, o bairro inseria-se no programa do evento como ponto turístico da cidade. Contudo, os tradicionais pescadores que figuravam naquele cenário praiano, ao lado dos operários e de “trabalhadores do comércio”, bem como o surgimento de diversas sociedades recreativas e do morro da Babilônia, evidenciavam a complexidade sociocultural de seus habitantes, muito embora determinados setores da sociedade, em especial os investidores de Copacabana, pretendessem transformar o antigo areal em um lócus de civilidade. Tal projeto foi repetidamente difundido nas páginas do periódico *O Copacabana* durante sua existência, como bem demonstrou a análise da estudiosa.

Em “Uma civilização à beira-mar”, constata-se como os bairros atlânticos adquirem prestígio e elegância na década de 1920. Neste capítulo, examina-se como os periódicos do porte de *Beira-Mar*, que circulou a partir 1922, salientavam um projeto praiano-civilizatório para o balneário carioca. Assim, difundia-se uma imagem de distinção e de elegância dos bairros de Copacabana, Ipanema e Leme, como uma única unidade territorial, denominada de CIL. Os chamados “cilenses”, incorporando posteriormente os moradores do Leblon, iriam se constituir como um bloco social, que compartilhava determinados valores aristocráticos daquele ambiente balneário. O cronista João do Rio, alcunha de Paulo Barreto, já apontava algumas novidades que lembravam as famosas praias de Long Island ou Biarritz. Novos artefatos como o “maillot”, as cabines de praia e os para-sóis retratavam um novo estilo de vida a ser adotado por determinados grupos sociais. A inauguração do Copacabana Palace, em 1923, encerrava-se, assim, como uma parte natural da Zona Sul e marco do cosmopolitismo e do lazer praiano então concebidos.

No capítulo seguinte, “Os aristocratas do Atlântico ocidental”, observa-se como a aristocracia local copacabanense centrada na vida balneária reiterava uma identidade coletiva, baseada no repertório simbólico de valores. Neste rol, idealizava-se um modelo de civilidade e de modernidade, que associava, além do binômio urbano/praiano, determinados aspectos como salubridade, elegância e bucolismo. Espaços como a igreja, a praia e os clubes sociais constituíam os ambientes exclusivos da sociabilidade da aristocracia cilense, onde valores e crenças eram compartilhados. A confraternização no espaço da praia era uma novidade para a época. Para a elite local implicava uma diferenciação social e espacial que era reproduzida nos periódicos daquele tempo, a exemplo da publicação de imagens fotográficas de grupos elegantemente reunidos na areia. Mas outros grupos também eram identificados com aque-

le estilo de vida. Ainda que não pertencessem ao seletivo grupo aristocrático, os pescadores figuravam como um elemento essencial legitimador do bucolismo e da salubridade da vida à beira-mar. Contudo, outros segmentos não gozavam da mesma benevolência, tais como os trabalhadores pobres e os moradores das favelas, considerados, pela aristocracia cilense, como visitantes indesejáveis.

O projeto praiano-civilizatório idealizado pela aristocracia cilense envolvia um plano normativo, a partir de determinados hábitos comuns compartilhados e revivificados, como bem demonstra o texto seguinte: “Um estilo Copacabana”. Um estilo de vida praiano implicou a criação de uma nova relação com o corpo, e com isso o surgimento de novas indumentárias como o maiô, que escandalizou determinados setores tradicionais da sociedade, incitando calorosos debates nos periódicos, muito embora, naquele mesmo período, tal traje fosse já bem popularizado no mundo. Paralelamente, a difusão de práticas esportivas se relacionava ao discurso higienista e a um movimento que englobava a estética corporal, a moral e a terapêutica. Além do remo, do turfe e das regatas, surgia um repertório esportivo diversificado com a inclusão da ginástica, da natação e do futebol.

Popularizavam-se, com isso, os banhos de sol. A pele bronzeada, anteriormente associada aos segmentos pobres da sociedade, era a mais nova condição do corpo praiano. As transformações se estendiam às construções das moradias praianas. Os antigos palacetes seriam substituídos pelos modernos bangalôs (*cottages* ou *chalets*). Um novo tipo de padrão de residência de dois pavimentos voltada para a vida ao ar livre. A consolidação do estilo balneário-aristocrático implicou a difusão de cinemas e de bailes, com forte inspiração norte-americana. Novos ritmos se disseminavam como o jazz e o charleston, bem como os banhos de mar à fantasia e os bailes de máscara, buscando-se, assim, legitimar o Carnaval de Copacabana.

Paulatinamente, os cilenenses constataram a identificação da capital federal com o estilo de vida praiano. No último texto, “Os castelos de areia”, verifica-se como o incremento do turismo, a proliferação de edifícios de apartamentos e a vinda de visitantes de outras localidades da cidade contribuíram para a transformação da fisionomia dos bairros atlânticos. Não havia espaço para o dualismo entre localismo e cosmopolitismo, uma vez que determinadas demandas necessitavam ser respondidas. Já no limiar da década de 1930, cerca de seis hotéis se estendiam pelo trecho praiano entre Leblon e Copacabana. Não por acaso, houve investimento na infraestrutura balneária visando o turismo internacional. Além disso, investiu-se também em divertimentos para os turistas estrangeiros, em especial na reabertura e criação de novas casas de jogos, os cassinos. Buscando reafirmar o potencial turístico dos bairros atlânticos ressaltava-se uma similaridade com certos lugares europeus. Outra mudança na fisionomia de Copacabana consistiu na verticalização crescente do bairro com a construção de um novo tipo de moradia, os edifícios de apartamentos. Outrora símbolo de bucolismo, Copacabana convergia para um novo paradigma, a metropolização. Os arranha-céus traziam, conseqüentemente, o aumento do afluxo populacional para o bairro. Além disso, a difusão de um novo estilo praiano atraía substancialmente uma população de banhistas vindos de outras localidades, o que gerava diversos conflitos em torno da ocupação do espaço.

Procurando solucionar os problemas decorrentes do aumento da densidade populacional, diversas obras foram implementadas, como a reforma do sistema de iluminação, o alargamento das avenidas Atlântica e Nossa Senhora de Copacabana, a duplicação do túnel Novo e a implantação de linhas de ônibus para outras localidades da cidade. Com o crescimento urbano e populacional, Copacabana perdia o exclusivismo idealizado pela aristocracia cilense. Haveria de ser reapropriada sob uma “ideologia copacabanense”, que conjugava modernidade, comércio, divertimento e acesso a recursos.

Retratada como “princesinha do mar” no samba-canção de grande popularidade interpretado por Dick Farney, Copacabana sintetizava a modernidade brasileira, ao associar cosmopolitismo e nacionalidade. O impacto de sua fama não era isento de contradições, pois se refletia na cartografia carioca. Verifica-se a criação de um tratamento diferenciado no universo do simbólico e geográfico entre a Zona Sul e Zona Norte, pautado no antagonismo de estilos de vida, como bem observou a autora ao examinar os cronistas da época. Desse modo, contrastava com o estilo da Zona Norte, marcado por uma sociabilidade então considerada provinciana e conservadora. Na Zona Sul, Copacabana despontava, ainda, como o maior centro noturno da vida carioca, marcada pelo cosmopolitismo, pelos hábitos esportivos e pela vida praiana. Seja como for, o livro *A invenção de Copacabana*, ricamente ilustrado, nos permite refletir sobre as contradições inerentes à história do bairro entre 1890 e 1940, bem como sobre o legado de seus múltiplos significados no imaginário urbano carioca de pertencimento em relação à cidade e à Zona Sul do Rio de Janeiro.

Recebido em 21/10/2014

Aprovado em 4/11/2014